

ENÉIAS TAVARES



A Feiticeira de Endor
e o Anjo do Exílio

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT

DARKSIDE — DRK



Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

*It's time we saw a miracle
Come on, it's time for something Biblical
To pull us through
And pull us through*



Um conto de Natal de
ENÉIAS TAVARES

a feiticeira de endor e o anjo do exílio

Uma história perdida de *Serpentes & Serafins*

Eu vi os archotes dos homens pelo vale.

Sempre observei os visitantes quando vinham de longe para pedir minha ajuda, com frequência em tempos de guerra, quando os homens querem saber de suas sortes ou então da fidelidade das esposas. Ou então, em estações de paz, quando as mulheres querem curar as doenças dos homens ou aniquilar o que eles plantaram dentro delas.

Mas, dessa vez, eu sei o que eles desejam. E não é a boa sorte para a matança, a saúde para o coração adoecido ou o veneno para o ventre abençoado. O que eles querem, a pedido do novo rei, é o meu sangue.

O sangue da famosa feiticeira da terra de Endor.

Escutei desde cedo a marcha dos soldados aqui, ao distante vale de Jizreel. Eles vieram porque o antigo rei está morto e porque ele se consultou comigo antes de partir para enfrentar os filisteus. O velho Saul queria que eu invocasse as sombras, que chamasse os mortos e abrisse uma porta entre a tenda dos vivos e o castelo dos mortos.

Eu disse ao decrepito rei que não poderia fazer isso e que os mortos estavam mortos. Mas então, replicou o grande rei que outrora tinha recebido demônios dentro de si, que tipo de mentiras tu defendes, bruxa? O que chamas do interior das sombras, do crepitar das chamas e da vermelhidão do sangue, pitonisa maldita?

Sou apenas capaz de invocar aquilo que um dia o jovem pastor expulsou do interior do seu coração, ó monarca, foi a minha resposta. Davi um dia enviara para longe com música e poesia os demônios que levaram o rei à loucura. Não é essa a história que corre entre os homens ricos e entre as famílias pobres de Judá e Israel?

O rei humilhou minha face com seu desprezo e ordenou que o obedecesse.

Foi o que fiz, invocando as forças que não ousou renomear, nem para você, nem mesmo para você, que sabe todos os segredos dos vivos e dos mortos.

E quando as vozes chegaram, elas vieram de todos os lugares.

As vozes vieram do interior da terra que chora, vieram dos abismos do oceano profundo e escuro, vieram das fendas dos montes verdes e também da lama dos pântanos perigosos. Elas vieram, as vozes, dos cantos dos pássaros selvagens, e também dos perfumes sedutores lançados do ventre das flores venenosas, e dos miados macios e charmosos e dos latidos famintos e dos uivos malignos e dos cantos dos seres mais puros. As vozes vieram das sombras da lua cheia e dos raios do sol mais forte. Elas vieram do gemido mais íntimo do amor escondido e do grito de ódio desvelado e público, vieram da fissura da espada fria e afiada ao cortar a carne mais terna e macia, e também do amanhecer do desejo e da madrugada da dor mais ferina. As vozes vieram e se uniram e atenderam ao meu chamado e ao chamado da loucura do rei, e as vozes deram para si um nome, e seu nome era o nome de um homem santo profeta.

Samuel, responde você, que sabe essa história e tantas outras.

Sim, Samuel, respondo eu. E foi com ele que o rei conversou, sabendo que aquilo não era o profeta que o ungira em seus dias de juventude e riqueza, mas sim uma reunião de criaturas pérfidas que se escondiam atrás da máscara do que outrora fora um homem, do que antes fora um oráculo de benção e também de maldição.

O tolo rei acreditou em suas palavras e soube então que estava condenado, pois Samuel assim lhe dissera. Morto por dentro, o monarca deixou minha casa e se foi para o campo de batalha, para a campina de luta, para a sina de embate, para a via da morte certa, para o término de seu longo dia de vida incerta.

Dizem que ele, o rei Saul, morreu ao lado de seu filho.

Se isso é verdade, conte-me, tu, que deves ter estado lá como agora estás aqui, comigo, embora não emitas som algum. Por que vieste, se ficarás assim em silêncio? Eu o invoquei, Anjo do Exílio, como invoquei o monstro feito de vozes e ecos que em meio ao seu desespero vestem as máscaras de vivos que já estão mortos. Então, converse comigo, Anjo do Exílio, converse comigo antes que os homens do novo rei, do rei poeta, cheguem para ceifar minha vida em virtude de meu crime.

Crime?, tu perguntas, finalmente me dando a dádiva da sua voz. Qual crime cometeste, adorável pitonisa?

Tu bem o sabes, anjo de luz, o crime de ter estudado a vida e a morte, o crime de ter ajudado homens e mulheres a obter o despertar do prazer e o fim do tormento, o crime de ter aprendido a linguagem das ervas e dos temperos, o crime de ter plantado cogumelos de fogo em meio aos córregos de água, de ter beijado e falado e abraçado o vento enquanto minha carne se deitava e se deleitava sobre a terra dos antepassados, o crime de ter respondido tanto a homens quanto a mulheres, entendendo a beleza solitária delas e a força cobiçosa deles e seus ritos de amor e fervor, de ódio e portento, de culpa e perdão. Esse foi meu crime, Anjo do Exílio, que vieste agora me visitar, eu espero, para que eu não encontrasse meu fim na mais condoída solidão.

Mas agora me fale de ti, criatura de luz e fulgor, dá-me a revelação que exige tua visita, enquanto os soldados e archotes não chegam para destruir minha carne e incendiar minha casa e meus tesouros de plantas e unguentos, para incendiar as pétalas das minhas flores, a doçura de meus gomos e o brilho de minhas pedras. Mas tu, misterioso como és, tu silencias, e eu lhe imploro que me dês um pouco de tua voz e uma fração do teu tempo.

Tempo, minha bruxa?, tu me perguntas, para então me contar do quanto o tempo não significa nada para os seres de luz e de trevas. Teu futuro é passado para nós, feiticeira, dizes com tua voz de segredos noturnos. Teu presente é o nosso ontem, um ontem que nunca sabemos bem se foi antes, depois ou agora. E teu ontem é ainda o que estará por vir para nós, dama frágil do vale de Endor. Viajamos no tempo como vós, mortais, viajais em sonhos e pesadelos, pitonisa, podendo ir para frente e para trás, para cima e para baixo, percorrendo o mapa dos dias como vós possuis mapas de estradas. Agora estou aqui contigo, minha bruxa, agora estou com Ele quando começou a nomear Suas estrelas, agora estou no leito de morte do rei poeta, dizendo a ele que o frio logo passará, agora estou na beirada de um teatro de deuses esperando que um mortal enfrente seres como eu em seu próprio juízo final. Agora é o sempre e o sempre é cada minuto de tempo no qual seu coração pulsa, minha doce Naamah.

Então dê-me seu nome, suplico, enquanto escuto o bater dos cascos dos cavalos de guerra chegando perto de minha casa, entre as colinas de Endor.

Barachiel, tu respondes.

Eu agradeço por me dares teu nome, anjo de luz e de trevas.

Tu me abraças e eu sinto o perfume distante de tua pele feita de estrelas, encontrando em teu peito o endereço secreto dos mistérios da Terra.

Os homens do rei Davi invadem minha casa e perguntam se sou a bruxa que adora demônios. Eu respondo que não, mas eles não prestam atenção ao que digo.

Sou arrastada do casebre que para mim sempre fora um palácio, e ao deixar o desenho da porta, vejo você no canto escuro, em meio a ervas e antigos manuscritos.

O que ainda terias a me dizer, Anjo do Exílio, entre olhos mareados e lábios entreabertos? Onde está Ele, meu querido Barachiel? Onde está o Criador que tão pouco apreço parece nutrir por criaturas malditas como eu?

Ele está aqui, dentro de mim, tu respondes. Ele está aí, dentro de ti, minha sagrada pitonisa, como resposta final e como derradeira revelação.

E então eu entendo.

Não há nada lá fora que responda por nossas preces.

Exceto aquilo que já está nas profundezas de nossos corações.

E é com essa certeza que entrego minha vida aos homens do rei e sinto meu sangue voltar para casa, deixando meu corpo como fonte escarlata e retornando ao macio leito da terra para mergulhar nas funduras de tudo que existe.

Meu último pensamento é dedicado a ti, anjo de assombro e consolo.

Enquanto me abraças em meus últimos instantes de vida, tu sussurras em meu ouvido que nada nunca morre de verdade, que desde eras estivemos juntos e que até milênios ainda seremos, juntos, fundidos um no outro e a todas as coisas que existem.

Os homens festejam a morte desta bruxa, desta mulher, desta serva.

O anjo beija meu rosto e compartilha comigo suas lágrimas.

Meu coração parte finalmente, para então se abrir.

A Feiticeira de Endor agora faz parte do Exílio Perpétuo.

Em alguns dias, o rei receberá a cabeça da bruxa.

E ele próprio será menos rei em virtude disso.

ENÉIAS TAVARES é escritor e professor de literatura clássica, com especialização acadêmica nos livros iluminados de William Blake e na tragédia de William Shakespeare. Publicou pela DarkSide Books os romances *Parthenon Místico* e *Lição de Anatomia*, ambos integrando o universo da série Brasileira Steampunk. Também para a Caveira, organizou e prefaciou *O Retrato de Dorian Gray*, *A Máquina do Tempo*, *O Rei de Amarelo* e *O Grande Deus Pã*. Além de consultor editorial para a marca Sociedade Secreta, atua como diretor do ORC Studio de Economia Criativa e da Editora da UFSM. Seu livro mais recente, *Serpentes & Serafins*, é um roadmance que conecta arte, magia e espiritualidade. Saiba mais em eneiastavares.com.br

Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

mixtape completa



DARKSIDEBOOKS.COM